

Os Verdes e Azuis na História Secreta de Procópio

Willibaldo Ruppenthal Neto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: As tentativas de definição da natureza das facções do hipódromo encontram uma narrativa que parece contrariar o que aparentemente é evidente. Assim é a forma que a “História Secreta” de Procópio (um historiador do Império Bizantino do século VI) se mostra: como uma fonte na descrição das facções, que ignora por completo duas das quatro cores do hipódromo (branco e vermelho), mostrando um Império dividido e vulnerável à luta entre as facções das outras duas cores (verde e azul). Isto tudo se dá num momento em que parece haver uma quebra da própria definição das facções, tornando a separação entre estas cada vez mais voltada às aparências e menos às suas “essências”. Obra que relata o que era-lhe proibido de ser escrito antes da morte dos soberanos de Procópio (Justiniano e Teodora), a História Secreta mostra um Império cujos jogos de poder e problemas sociais são expostos sem restrições.

Palavras-chave: Procópio de Cesareia; Império Bizantino; Facções do Hipódromo; Justiniano I.

The Green the the Blue in the Secret History of Procopius

Abstract: The attempts to define the nature of the hippodrome's factions must go through a narrative that seems to go against what seems obvious. Thus is the way the “Secret History” of Procopius (Byzantine historian of the 6th century) is shown: as a source of factions in the description that ignores for complete two of the four colors of the hippodrome (white and red) and showing a Empire divided and vulnerable to the fight between the factions of the other two colors (green and blue). All of this in a time that just seems to be a breach of the very definition in the factions, and when this division seems more focused on appearances and less to its "essences". Work that relates what was forbidden to be written before the death of Procopiu's sovereign (Justinian and Theodora),

the Secret History shows a Empire which games of power and social problems are exposed without restrictions.

Keywords: Procopius of Caesarea; Byzantine Empire; Factions of the Hippodrome; Justinian I.

Procópio

Procópio de Cesareia ¹¹ (Latim: *Procopius Caesarensis*, Grego: Προκόπιος ὁ Καισαρεύς; c. 500 d.C. – c. 565 d.C.) foi um historiador do Império Bizantino do séc. VI, que escreveu sobre o período do governo do imperador Justiniano I (483 d.C. – 565 d.C.), sendo suas obras algumas das mais importantes fontes históricas sobre Justiniano e seu reinado ¹² (527 d.C. – 565 d.C.).

Procópio escreveu diversas obras, como, “*Historia das Guerras*” (Lat. *De bellis*. Gr. πολέμων) e “*Sobre os edifícios*” (Lat. *De aedificiis* Gr. Περί Κτισμάτων); porém, sua obra denominada “*História Secreta*” (Lat. *Historia Arcana*) é a mais famosa ¹³. Esta obra possui um caráter acusatório para com Justiniano ¹⁴ e sua esposa Teodora (c. 500 d.C. - 548 d.C.), contendo informações e opiniões que foram contidas por Procópio até a morte destes ¹⁵, levando-a a ser consequentemente atribuída a algum momento após 565 d.C. (data da morte de Justiniano ¹⁶). Conhecida anteriormente apenas como “*Anedota*” (Lat. *Anecdota*, Gr. Ἀνέκδοτα ¹⁷ - “escritos não publicados”) apenas por menções – como na Suda ¹⁸ –, a *Historia Secreta* só foi descoberta na Biblioteca do Vaticano séculos após ser escrita por Procópio ¹⁹, sendo posteriormente publicada por Niccolò Alamanni.

Apesar de sua obra “*História das Guerras*” ser muito admirada pela sua qualidade histórica, a obra “*História Secreta*” aparentemente não tem tal prestígio e qualidade

¹¹ Procópio seguia o costume e se inspirava nos antigos historiadores gregos clássicos, Cf. CAMERON, 1985: 3; EVANS, 2005: 98.; se intitulava e era conhecido como “Procópio de Cesareia”. Cf. CAMERON, 2006: 20; o que já nos mostra sua origem. Houve mais de uma cidade chamada “Cesareia”, porém, na Suda diz-se “Cesareia da Palestina”, sendo portanto ou a Cesareia perto da capital da província romana da Palestina, ou esta própria (Cesareia Marítima).

¹² Cf. FRASSETTO, 2003: 299; Os relatos de Malalas também são importantíssimos nos estudos do Império Bizantino. Uma boa comparação entre a *História Secreta* e os relatos de Malala é o artigo: SCOTT, 1985.

¹³ “Procópio é mais conhecido pela sua escandalosa e inexoravelmente hostil obra *História Secreta*.” FRASSETTO, 2003: 299. Veja também: SCOTT, 1985: 99.

¹⁴ As acusações são extremamente variadas, desde acusações de corrupção e desperdício do dinheiro público – que Gordon aponta como duas acusações principais (GORDON, 1959: 23), e que trabalha ao longo desta sua análise – até acusações de impunidade, de injustiça, ou mesmo acusações de que era na verdade “um demônio em forma humana” (*História Secreta*. XII).

¹⁵ Conclui-se a partir da frase do próprio Procópio no Proêmio da *Historia Secreta*: “Perceba que, não era possível, durante a vida de certas pessoas, escrever a verdade sobre o que elas fizeram, como um historiador deve.” Acontece que tais informações acabaram sendo contidas até mesmo após a morte de Procópio, já que a *História Secreta* só foi publicada no século XVII (1623 - nota 10). Cf. FRASSETTO, 2003: 300; EVANS, 2005: 99.

¹⁶ Já que Teodora morrera antes dele, em 548.

¹⁷ Ver: Suda. p.i. 2479. Disponível em: <http://www.stoa.org/sol-bin/findentry.pl?keywords=pi+2479>.

¹⁸ Suda (Gr. Σοῦδα): Enciclopédia de origem bizantina do séc. X. Cf. EVANS, 2005: 99.

¹⁹ Averil Cameron (1985: viii) aponta para a data de 1623 como a data da sua descoberta, e Frassetto (2003: 301) aponta esta data para sua publicação.

histórica; é muito conhecida, mas, pelo seus exageros contra Justiniano e Teodora²⁰, acabou sendo muitas vezes desconsiderada; todavia, é uma fonte primária com um repleto conteúdo para ser analisado, que muito permite nos aproximarmos mais da mentalidade bizantina.

As facções

No Império Romano um dos jogos de maior prestígio foi a corrida de bigas, realizada no Circo²¹. Inicialmente estas corridas se davam na disputa entre dois carros, cujos aurigas se diferenciavam pela cor de seus uniformes, *branco* ou *vermelho*²². Estas corridas eram promovidas e custeadas pelo Estado²³, sendo que acabaram atraindo a participação de profissionais particulares conhecidos como *domini factionum*, que contratavam e disponibilizavam os equipamentos e materiais necessários para os jogos²⁴. Com o desenvolvimento e crescimento do prestígio das corridas, acabaram se acrescentando mais duas cores (*a verde* e *a azul*), além de serem repetidas as corridas até vinte e cinco vezes num mesmo dia²⁵, em ocasiões especiais. O prestígio das corridas levou também à maior participação popular na torcida, com cada pessoa escolhendo uma das cores para torcer, inclusive os imperadores²⁶.

Quando Constantinopla foi fundada por Constantino²⁷, foi planejada nos moldes da

²⁰ Houve dúvida sobre a autoria da *História Secreta* ser realmente de Procópio, especialmente pela diferença desta para a *História das Guerras*. Cf. CAMERON, 1985: viii (especialmente); e, CAMERON, 2006: 26; GORDON, 1959: 23. Porém, estudos (especialmente por parte de J. Haury) levam a crer que trata-se do mesmo autor. Assim, até mesmo J. B. Bury, que havia negado a autoria de Procópio, mudou de opinião (CAMERON, 1985: viii; 49; SARRIS, 2006: 149). Esta obra teve tanta desconfiança pelo seu caráter, que Bury inclusive chamou-a de “orgia do ódio”. Cf. FRASSETTO, 2003: 299.

²¹ O Circus Maximus (o Circo de Roma), possuía a capacidade segundo Plínio, o Velho, para cerca de 250.000 pessoas. Em: Plínio, *Natural History*. XXXVI. 102. Disponível em: <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Pliny_the_Elder/36*.html#102>; porém, cálculos recentes apontam para a faixa de 70.000 – 80.000 espectadores. Cf. BURY, 1958: 83.

²² Apesar de este estudo se concentrar principalmente nos Verdes e Azuis, inicialmente só haviam duas cores nas disputas do hipódromo, o branco e o vermelho. Cf. GIBBON, Edward, 1952: 652.

²³ O custeamento pelo Estado, mencionada em GIBBON, 1952: 652, mostra bem a política romana do *panem et circenses*. Cf. JIMÉNEZ SÁNCHEZ, 2004: 110. Uma frase, de Decimus Junius Juvenalis (poeta romano - c.60 d.C. - 127 d.C.), expressa bem isto: “*Nam qui dabat olim imperium, fasces, legiones, omnia, nunc se continet atque duas tantum res anxius optat, panem et circenses.*” [Pois, aquele que outrora buscava poder, serviço militar, as legiões, tudo, agora procura e deseja ansiosamente apenas duas coisas, pão e jogos circenses].

²⁴ Cf. CAMERON, 1999: 6.

²⁵ Tal número de vezes é apontado por Gibbon (1952: 652).

²⁶ Como foi o caso de Calígula, Nero, Cômodo, dentre outros, mencionados em: GIBBON, 1952: 652.

²⁷ Bizâncio data de 657 a.C., Cf. RUNCIMAN, 1977: 11; porém, tornou-se Constantinopla e foi refundada em 330 [d.C.], porém, o Império Romano ainda não estava dividido. Cf. CAMERON, 2006: 20.

cidade de Roma, sendo a “*Nova Roma*”²⁸. Assim, dentre as características de Roma que Constantinopla herdou, estava não apenas o Circo, chamado “Hipódromo”²⁹, como também as próprias cores participantes deste: o *vermelho*, o *branco*, o *azul* e o *verde*³⁰; talvez mesmo com “redobrada fúria”³¹ no Hipódromo, em comparação ao Circo romano³². Neste momento já se via grande disparidade de força e prestígio popular entre as facções das corridas, sendo as duas principais em preferência da população as mesmas tanto em Constantinopla como em Roma: as facções *verde* e *azul*.

As facções na História Secreta - brancos e vermelhos

Na época de Procópio (séc. VI), as corridas ainda possuíam as quatro facções, estando os *brancos* e os *vermelhos* presentes em todas as corridas até pelo menos o século XII, e, até mesmo ganhando algumas corridas³³. Surge então um problema para os historiadores explicarem, um “paradoxo” (CAMERON, 1999: 46): a existência de quatro cores no hipódromo, mas aparente existência de duas (*azul* e *verde*)³⁴. Esta aparente ausência das cores *vermelha* e *branca* ocorre na *História Secreta*, na qual Procópio parece ignorá-las, nunca as mencionando e associando diversas vezes as pessoas às cores do

²⁸ Runciman (1977: 11) conta que a cidade fora fundada com o nome de “Nova Roma”, “o povo, porém, preferiu chamá-la pelo nome de seu fundador, Constantino”; Angold (2002: 46) afirma algo completamente diferente: “Constantino (...) a rebatizou como Constantinopla (...) em sua própria homenagem.”; Veja também: JIMÉNEZ SÁNCHEZ, 2004: 111; Diehl (1961: 53) afirma ainda uma terceira versão, afirmando que “na linguagem oficial Constantinopla passou a ser chamada de 'Nova Roma'.”

²⁹ Do grego: ἵππος (*hippos* – “cavalo”); e, δρόμος (*dromos* – “caminho”). Enquanto o hipódromo não estava pronto, Constantino I levantou em um terreno próximo a cidade (que estava em construção), um hipódromo provisório de madeira; o que mostra a importância do hipódromo naquele contexto. Cf. JIMÉNEZ SÁNCHEZ, 2004: 112. Grande edifício, fora construído por Sétimo Severo (203 d.C.) e mais tarde foi reconstruído e ampliado por Constantino I (junto a reconstrução da cidade, que começou em 324 d.C. e se concretizou em 330 d.C.). Cf. JIMÉNEZ SÁNCHEZ, 2004: 111-112. O hipódromo foi inspirado no Circus Maximus. Cf. BURY, 1958: 81.

³⁰ As cores destas facções eram as mesmas em todo o Império: *factio russata* (vermelha), *factio prasina* (verde), *factio albata* (branca) e *factio veneta* (azul). Acredita-se que estas cores dos carros simbolizavam as quatro estações do ano, cujo movimento dos carros girarem em torno do obelisco, é compreendido pela interpretação deste como um símbolo do Sol. Tertuliano, Malalas, Cassiodoro e Corippo escreveram nesta perspectiva de simbolismo no hipódromo. Cf. JIMÉNEZ SÁNCHEZ, 2004: 126, nota 81.

³¹ GIBBON, 1952: 652. Minha tradução do inglês, assim como as demais citações diretas de fontes em outros idiomas senão o português.

³² Apesar da grande importância e da necessidade de destaque especial para as corridas de biga, havia diversos outros divertimentos oferecidos para a população de Constantinopla (inclusive no hipódromo), como por exemplo, teatros, cortejos, espetáculos de rua e festas religiosas.

³³ CAMERON, 1999: 45.

³⁴ De fato acaba havendo a percepção da parte de alguns historiadores que as facções no tempo de Justiniano estavam realmente reduzidas a duas, como afirma Rice (1970: 109), apesar de termos conhecimento que pelo menos até o século XII quatro cores disputavam no hipódromo.

hipódromo, mas sempre às duas principais – a *verde* e a *azul*³⁵.

A ausência da referência a “*vermelhos*” ou “*brancos*” na *História Secreta* pode ser explicada pela teoria defendida por Gauro Manojlović, na qual afirma que enquanto haviam quatro grupos distintos no hipódromo em termos puramente esportivos (como torcidas), havia apenas dois grupos de ordem religiosa, política e social: os Verdes e os Azuis³⁶. Sendo assim, quando são descritas as quatro cores, são como torcidas para o hipódromo somente, enquanto quando descritas as facções Verde e Azul, com caráter político, religioso e social, refere-se então apenas aos grupos como facções propriamente ditas (e não torcidas), sendo estas facções o “que divide a população inteira de Constantinopla” (CAMERON, 1999: 46) em duas partes. Essa teoria explica bem a questão da ausência da menção de Procópio a vermelhos ou brancos na *História Secreta*, já que esta tem caráter de análise política da cidade e não cultural.

Apesar da teoria de Manojlović se encaixar adequadamente à situação proporcionada pela *História Secreta*, as demais teorias não são necessariamente contrárias ao que esta obra nos passa. Alan Cameron (1999) defende a teoria de que “os Azuis e Verdes que vagaram pelas ruas, defenderam as muralhas e, (ocasionalmente) proclamaram os imperadores de Constantinopla não são outros senão os Azuis e Verdes que se sentavam com os Vermelhos e Brancos no hipódromo” (CAMERON, 1999: 46); não aceita, portanto, a “distinção entre associações esportivas e partidos políticos” (Cameron, 1999: 46)³⁷. Enquanto Runciman (1977: 59) defende a ideia de que “gradualmente” o branco e vermelho se fundiram com as duas grandes cores (verde e azul), possibilitando-se que se compreenda a ausência das cores 'menores' na *História Secreta*, apesar de que tais cores

³⁵ Como na descrição de Procópio do jovem Basanio, como “um tal Basanio, da facção verde”. p. 28.

³⁶ Tal teoria é descrita em: CAMERON, 1999: 46. O autor (Alan Cameron) defende outra teoria, que também é tratada aqui, mencionando a teoria de Manojlović para mostrar os pontos no qual discorda desta e os motivos disto.

³⁷ Um fato que corrobora para esta tese é o duplo significado do hipódromo: tinha papel de diversão e política, sendo “simultaneamente um lugar de reunião e uma arena” (RICE, 1970: 108); de fato o hipódromo era um palco para reivindicações e comícios. A sua função política tinha, por sua vez, um sentido triplo: 1) era para o povo se expressar ao imperador: Jiménez Sánchez (2004: 114) afirma que neste momento (período de Justiniano, “o hipódromo passará a tornar-se o principal centro de luta social”; 2) para o imperador se expressar ao povo. Cf. JIMÉNEZ SÁNCHEZ, 2004: 109-110 e 128-130; Um bom exemplo do uso do hipódromo como ambiente de discussão política por parte das facções, é o Diálogo de Justiniano com os Verdes. Este diálogo se encontra em: CAMERON, 1999: 319 a 322 (Apêndice C). Jiménez Sánchez (2004: 114) em uma nota (nº 18), explica que: “O hipódromo era o lugar onde se manifestava de forma mais evidente o conflito social. Esta questão está diretamente relacionada com a problemática das facções circenses.”, Cf. ROTH, 1930, p. 30; Também era o local de aclamação dos imperadores. Cf. CAMERON, 2006: 73; 3) Para o povo discutir entre si: “O hipódromo também servia como lugar de assembleia ao povo reunido nele.” JIMÉNEZ SÁNCHEZ, 2004: 119, nota 35. Scott (1985: 107) aponta a dualidade para as próprias facções, num papel intermediário entre o povo e o imperador.

ainda fossem representadas nas corridas, justamente por estas já terem perdido suficientemente seu espaço para serem mencionadas em um tratado histórico, como a História Secreta. Todas estas teorias são possíveis.

As facções na História Secreta - verdes e azuis

Enquanto há uma ausência das cores vermelha e branca na História Secreta, as cores *verde* e *azul* nesta obra parecem dividir não apenas Constantinopla mas todo o Império Bizantino, como se percebe na menção da forte presença dos Azuis na Cilícia (HS. VII)³⁸. Procópio chega a afirmar que “o povo desde muito antes havia se dividido (...) em duas facções, os Azuis e os Verdes” (HS. VII).

Esta divisão em dois, tão marcante nesta obra de Procópio, é um fator que parece sustentar a já mencionada teoria de Manojlović, já que não parece haver um terceiro grupo em termos políticos, e mesmo intermediários entre Verdes e Azuis parecem raros. A História Secreta, apresentando um mundo dividido em dois, se mostra extremamente diferente da ilustração feita na famosa *midrash*³⁹, no qual mostra Salomão sendo um *basileus*⁴⁰, no hipódromo, no meio do povo que está dividido em quatro partes distintas: “os sábios e levitas em azul, o povo de Jerusalém, vestido de branco, o povo que vive fora de Jerusalém, vestidos de vermelho, e os Gentios, que de terras distantes trouxeram presentes a Salomão e que estão vestidos de verde” (GRÉGOIRE, 1946: 577).

Uma questão se faz aqui necessária: qual era exatamente o papel original dessas torcidas, o que as leva à divisão e as difere? Runciman (1977) defende a ideia de as facções tendo caráter político, possuíam os *demes*⁴¹, que foram as formas de expressão positivas das facções, e que com seu declínio, “seus desejos [das facções] só podiam expressar, a partir de então, pela agitação e pelo motim” (RUNCIMAN, 1977: 60). Porém, percebe-se na História

³⁸ Todas as referências à obra principal desta análise, História Secreta, de Procópio, terá este padrão de referência (HS. X), com a indicação do capítulo referente. Sendo utilizada minha tradução (do inglês e espanhol).

³⁹ *Midrash* (Heb. מדרש): forma narrativa criada em Israel pelo povo judeu por volta do séc. I.

⁴⁰ *Basileus* (Gr. Βασιλεύς): “rei” em grego, era a forma de tratamento dos imperadores bizantinos, após Heráclio. Cf. ANGOLD, 2002: 49; RUNCIMAN, 1977: 52; TAVEIRA, 2005: 496.

⁴¹ *Demes*: “Quatro divisões (...) chamados Azul, Verde, Branco e Vermelho (...) podem ser descritas como entidades municipais com governo próprio, subdivididas ainda em entidades civis e militares. (...) O Circo de Constantinopla esteve, durante algum tempo, nas mãos dos demes (...)” RUNCIMAN, 1977: 59; estes *demes* eram circunscrições administrativas, bairros, onde supostamente se estabeleciam as diferentes facções; Jiménez Sánchez discorda desta associação dos *demoi* (pl.) com as facções. Cf. JIMÉNEZ SÁNCHEZ, 2004: 114. nota 18., enquanto Cameron (1999: 24) explica que os Verdes e Azuis “eram compostos por dois elementos – as facções do circo e os *demes* municipais.”

Secreta que durante o período de força dos *demes*⁴², tanto os Azuis como os Verdes se expressam pela violência, conforme percebemos quando Procópio afirma que “nem os partidários Verdes ficaram quietos, mas mostraram seu ressentimento tão violentamente quanto puderam, embora um a um eram continuamente castigados” (HS. VII). Procópio aponta para estas atitudes de expressão pela violência como uma consequência direta da falta de castigos, afirmando que “quando o crime não é castigado, não há limites para os abusos; pois até quando é punido, não está totalmente erradicado, estando a maioria dos homens, por natureza facilmente inclinados para o erro” (HS. VII)⁴³. Assim, conclui-se que se nas suas origens as facções possuíam a expressão política “positiva”, em algum ponto esta característica começou a diminuir a ponto de ser suplantada pela desordem.

Na tentativa de explicar a separação entre os Verdes e Azuis no Império Bizantino muitos historiadores criaram teorias de diferenciação destas duas facções. Manojlović⁴⁴ aponta para a separação entre duas classes sociais: sendo os aristocratas a cor *azul*, e o povo *verde*⁴⁵. Manojlović também aponta para uma separação de cunho religioso, vinculado à própria questão social. Assim, propõe que os Azuis seriam aristocratas, de Constantinopla, de províncias europeias, da elite intelectual de províncias da Ásia ou do Egito, sendo *ortodoxos*, enquanto os Verdes seriam o povo de classe mais baixa, dos *fellahin*⁴⁶ do Egito, dos estrangeiros da Síria ou Antioquia, sendo *monofisitas*⁴⁷.

⁴²Runciman aponta para os períodos dos séc. V e VI (período narrado por Procópio) como períodos de grande força dos *demes* (RUNCIMAN, 1977: 59). Grégoire, assim como Runciman também aponta para o século VII como o início da decadência dos *demes* (GRÉGOIRE, 1946: 573).

⁴³ Há uma passagem bíblica muito semelhante ao que Procópio afirma: Eclesiastes 8:11 - “Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal.”; A influência bíblica na cultura do Império Bizantino não deve ser ignorada, mesmo que este seja considerado um cristão “só de nome”. Cf. ROTH, 2003: 300.

⁴⁴ Em acordo com ele neste ponto estão: H. Grégoire e J. B. Bury. Ver: JARRY, 1960: 348.

⁴⁵ Teoria descrita em: GRÉGOIRE, 1946: 569. Sobre a composição social das facções, veja: CAMERON, 1999: 74-104.

⁴⁶ *Fellahin*: Os *fellah* (plural: *fellahin*) é um camponês da região do Oriente Médio ou Norte da África, como o Egito.

⁴⁷ Tal teoria de vinculação da posição social com posicionamento religioso está em: GRÉGOIRE, 1946: 570. Sobre as simpatias religiosas das facções, ver: CAMERON, 1999: 126-153. Deve-se compreender o que é a ortodoxia (procedimento de seguir a doutrina apoiada pela Igreja, rejeitando o que esta rejeita, como no caso, o monofisismo) e o monofisismo (possuindo duas correntes principais: o “eutiquianismo” e o “apolinarismo”) e sua disputa neste contexto. O monofisismo era uma heresia (ideia religiosa tida como errada pela Igreja – o monofisismo foi tido como heresia no Concílio de Calcedônia, em 451), na qual afirmava que Jesus Cristo possuiu apenas uma natureza (gr. monos, “um”, e physis, “natureza”), cujos principais defensores foram: Êutico (c. 378-454), líder de um mosteiro em Constantinopla que defendia que Cristo possuía uma nova natureza, nem divina nem humana (eutiquianismo); e, Apolinário (c. 315-390), que era bispo de Laodiceia (c. 361) e defendeu a ideia de que Cristo possuiu um corpo humano e uma natureza puramente divina (apolinarismo). Sobre esta 'disputa cristológica', ver: DUCCELLIER, 1994: 45-48 (especialmente); RICE, 1970: 126-127; ANGOLD, 2002: 26-27; RUNCIMAN, 1977: 92-94; RUNCIMAN, 1978: 36-46 (especialmente).

Apesar da existência histórica de relação entre as classes sociais e as vinculações religiosas mencionadas, na História Secreta encontramos algumas complicações para esta teoria: Procópio parece não fazer ligação entre os Verdes e os estrangeiros, até afirmando sobre assassinatos por parte dos Azuis que “foram muitos os que os subornaram com dinheiro, apontando inimigos pessoais, os quais os Azuis mataram imediatamente, declarando que aquelas vítimas eram Verdes, quando na verdade eram sem dúvida estrangeiros” (HS. VII). A vinculação dos Verdes às classes mais baixas, também parece duvidosa quando analisamos a descrição de uma perseguição à sodomia, afirmando que “de início, esta perseguição se dirigiu somente contra aqueles que, da facção Verde, eram reputados, especialmente ricos (...)” (HS. XI).

Angold (2002) define as facções afirmando que estas “não pareciam ter quaisquer afiliações sociais ou religiosas claras, mas proporcionavam um escape para a violência juvenil, que podia ao mesmo tempo ser usada pelos líderes locais” (ANGOLD, 2002: 46). Apesar de parecer muito simplista, a definição de Angold sobre as facções de Constantinopla se mostra a que melhor se adequa à ideia passada na História Secreta⁴⁸, já que inúmeras vezes esta se refere aos jovens, especialmente no momento em que os Azuis estiveram priorizados pela justiça (pela parcialidade de Justiniano, “unido aos Azuis” - HS. VII); momento no qual, segundo Procópio, “muitos outros jovens se ofereceram a este lado [azul] sendo que nunca antes haviam tido interesse algum no conflito, mas se viram agora atraídos pelo poder e possibilidade de cometer as insolências que agora lhes era permitido” (HS. VII).

O porquê da cisão entre os azuis

A incorporação destes jovens que não se preocupavam com o conflito e agora participam ativamente parece estar relacionada com outro fenômeno que Procópio descreve, que é a cisão entre os Azuis. Esta cisão é exposta por Procópio quando este relata que “estes ultrajes [dos 'rebeldes' Azuis] trouxeram a inimizade de todos sobre eles, em especial a dos Azuis que não haviam tomado parte ativa na discórdia (...) [e assim] até estes foram perturbados” (HS. VII).

O que acontece, tanto na incorporação de novos jovens pelos Azuis, como na cisão

⁴⁸ Não defendo ser esta a melhor definição das facções do hipódromo, apenas afirmo que conforme a ideia sobre as facções passada pela História Secreta, esta é a mais adequada e que encontra maior respaldo.

da facção azul, parece ser uma mudança conceitual das facções. A ideia de que as facções eram: para expressão política⁴⁹, para expressão de ideologias religiosas⁵⁰, uma separação de níveis sociais⁵¹, ou apenas uma conexão restrita ao hipódromo⁵², parecem ser todas inadequadas nesta nova situação descrita por Procópio; parece haver uma transformação nas facções⁵³, de tal forma que até alguns partidários da facção Verde se unem aos Azuis neste momento⁵⁴.

A transformação das facções

As facções que antes foram oficializadas legalmente⁵⁵, que eram a forma que o povo se organizava⁵⁶, agora se tornavam a própria desordem: de um lado a desordem em vista de aproveitar a posição privilegiada, pela proteção de Justiniano, por parte dos Azuis⁵⁷; do outro lado, a desordem dos Verdes, que buscavam externar seu ressentimento “tão violentamente quanto puderam” (HS. VII. p. 11), passando a “pilhar sem piedade a sociedade que haviam sido expelidos” (GIBBON, 1952: 653).

A diferença entre as duas facções que antes era ideológica ou social, agora se mostrava apenas pela aparência e vinculação. Os Azuis adotaram a aparência ao “estilo Huno” (HS. VII), como ficou conhecido, no qual se dava por uma barba e bigode sem serem cortados (“como fazem os persas⁵⁸” disse Procópio – HS. VII), “uma peculiar e bárbara vestimenta – longo cabelo dos Hunos, suas mangas curtas e vestes amplas, o passo altivo e a voz sonora”⁵⁹.

O vestuário na cultura bizantina era um símbolo muito forte de pertencimento,

⁴⁹ Como se Runciman se refere aos *demes*, em: RUNCIMAN, 1977: 60.

⁵⁰ Mais especificamente, monofisismo (verdes) e Ortodoxia (azuis). Cf. GIBBON, 1952: 653.

⁵¹ Cf. GRÉGOIRE, 1946: 569.

⁵² Cf. CAMERON, 1999: 46.

⁵³ Uma das características que caracteriza o caráter de transformação das facções é a participação política. Rice (1970: 109) aponta como uma mudança das facções na adoção do seu caráter político “pelo fato de cada facção não apoiar apenas a sua equipa, mas também por vezes um rival pretendente ao trono ou uma política governamental distinta”; A transformação nas facções também é percebida no enfraquecimento destas, especialmente a partir do século VII, Cf. RUNCIMAN, 1977: 60. Sobre o declínio das facções, veja: CAMERON, 1999: 297-308.

⁵⁴ Mencionado em: Procópio, HS. VII.

⁵⁵ Cf. GIBBON, 1952: 652.

⁵⁶ Cf. RUNCIMAN, 1977: 59.

⁵⁷ Gibbon (1952: 653) afirma que: “A juventude dissoluta de Constantinopla adotou o uniforme azul da desordem.”

⁵⁸ Deve-se notar que os persas eram os inimigos do Império Bizantino e da cristandade, por serem pagãos (de religião não cristã).

⁵⁹ Citação da descrição feita por Gibbon (1952: 653), mas que usa como fonte a História Secreta de Procópio, resumindo o que este disse em HS. VII.

sendo que o uso de vestimentas era obrigatoriamente de acordo com a posição social, de maneira rígida e com interferências das autoridades⁶⁰. O *estilo Huno* dos Azuis parece simbolizar um descaso em relação a estas leis, já que os membros desta facção chegaram até a “usar a faixa púrpura em suas togas, e mostravam em um vestido que indicava um nível superior à sua classe social.” (HS. VII).

Sobre este mesmo assunto Procópio ainda relata que aqueles Azuis que se mantiveram à parte do conflito, sendo que no momento que “até estes foram perseguidos, começaram a usar cintos e broches de bronze e capas mais baratas que a maioria destes estavam por privilégio autorizados a exibir” (HS. VII). Enquanto aqueles que estavam permitidos a usar trajes melhores não os utilizavam, os Azuis hostis usavam trajes melhores do que lhes era permitido e ainda se espelhavam nos bárbaros para seu estilo de visual (hunos). A quebra cultural⁶¹ causada pela adoção deste estilo provavelmente não tinha apenas o objetivo de distinguir os Azuis dos demais, mas também intimidar a população; mesmo motivo pelo qual “portavam abertamente armas à noite” (HS. VII).

O terror azul

Este momento de transformação das facções e sobreposição absoluta dos Azuis (que se distinguiam pelo estilo huno⁶²), ficou conhecido como “*Terror Azul*”⁶³, pelas diversas atividades que espalharam terror em Constantinopla, as quais praticaram por terem a proteção de Justiniano⁶⁴. Este momento parece explicar o porquê da frase de Gibbon (1952: 652): “Constantinopla adotou as loucuras, mas não as virtudes, da Roma Antiga; e as mesmas facções que agitaram o Circo se enfureciam com redobrada fúria no hipódromo” e a de Diehl (1961: 87): “Constantinopla é uma multidão impressionável e facilmente agitada, quase sempre descontente e amante das críticas, pronta para a sedição quando as paixões a provocam, tornando-se então sanguinária e cruel.”; até porque, muito provavelmente esta foi uma das fontes que geraram tal conceito nestes autores, juntamente

⁶⁰ Tal situação cultural é brevemente explicada em: RUNCIMAN, 1977: 147-148.

⁶¹ O vestuário pode ser um grande ícone de padronização cultural, e de fato o era no Império Bizantino. Desde o uso de véu (usado pelas mulheres 'de respeito'), até o uso de determinadas roupas, a sociedade bizantina muito se definia e se distinguia pelas vestimentas.

⁶² A distinção entre os Azuis revoltosos e os não revoltosos é importante para ser compreendido este momento narrado por Procópio; tal distinção é externada especialmente pelo uso do estilo huno pelos primeiros (revoltosos).

⁶³ Como é denominado em: GRÉGOIRE, 1946: 570.

⁶⁴ Cf. GIBBON, 1952: 653.

aos relatos da Revolta de Nika⁶⁵.

Sobre este momento Procópio conta diversos casos, dentre os quais relata assassinatos⁶⁶ da parte dos Azuis de “homens que nada haviam feito contra eles” (HS. VII), diz que até “no mais sagrado dos santuários, inclusive durante os ofícios religiosos” (HS. VII) se davam estas atrocidades⁶⁷.

Procópio mostra bem a quebra cultural neste momento do *Terror Azul*, tanto em ações já mencionadas contra a cultura religiosa (assassinatos em locais sagrados), como também em atitudes que vão não só contra os princípios cristãos, como também contra o próprio valor cultural da família:

E dizem que certas mulheres foram forçadas por seus próprios escravos a fazer o que não queriam; e os filhos dos nobres, em convivência com estes jovens bandoleiros, obrigaram a seus pais, dentre outros atos contra seus desejos, a transferir-lhes suas propriedades. Muitos garotos foram constrangidos, com o conhecimento de seus pais, a satisfazer os desejos antinaturais dos Azuis; e mulheres felizes com seus casamentos tiveram o mesmo infortúnio (HS. VII).

Apesar desta conduta dos Azuis, Procópio afirma que “tudo isto perturbava menos ao povo do que as ofensas de Justiniano contra o Estado” (HS. VII), sendo assim, mesmo a culpa pelo Terror Azul é imputada por Procópio a Justiniano, na afirmação de que:

O crime de Justiniano foi que não só estava pouco disposto a proteger as vítimas, mas não viu razão alguma para não ser a cabeça visível da facção culpada; deu grandes somas de

⁶⁵ *Revolta de Nika*: revolta em Constantinopla, datada de 532, que, pela união das facções contra o imperador Justiniano, tentaram depô-lo. Esta revolta “quase derrubou o trono de Justiniano” DIEHL, 1961: 87., porém, acabou fortalecendo seu poder. Cf. ROTH, 1930: 14-15 e 32; “a oportunidade de apor se selo em Constantinopla lhe fora dada pela Sedição de Nika de 532”, escreve Angold (2002: 32-33), referindo-se aos resultados desta revolta, que foi contida quando Justiniano “mandou seus guardas, sob o comando de Belisário, ao hipódromo, onde dizem que eles massacraram 30 mil pessoas.” ANGOLD, 2002: 33. Sobre o assunto: EVANS, 2005: 15-20; BURY, 1958: 39-48.

⁶⁶ As facções do circo seguidamente criavam problemas dentro de Constantinopla, porém, relatos como o da História Secreta sobre o Terror Azul são especialmente enfáticos nestas situações. Outra boa referência à barbaridades por parte das facções é o relato *Miracula Sancti Demetrii* [Milagres de São Demétrio], cap. 82-3 apud SARRIS, 2006: 231-232: “(...) As facções não se contêm apenas em derramar sangue dos companheiros nas ruas: eles invadem os lares dos outros e massacram seus ocupantes. Mulheres e crianças, velhos e jovens, todos que são muito fracos para fugirem, eles atiram pelas janelas dos andares de cima; como bárbaros eles saquearam seus concidadãos. (...)” (p. 231).

⁶⁷ Gibbon (1952: 653) relata estes fatos, utilizando a História Secreta como base.

dinheiro àqueles jovens, e se rodeou deles: e a alguns até nomeou para altos cargos e outros postos de honra. (HS. VII)

Procópio ainda diz que os Azuis tinham a possibilidade aberta de transgredir ainda mais a lei⁶⁸, mas não o fizeram, parecendo até cautelosos para ele⁶⁹, considerando-se o que Justiniano lhes permitia, mesmo que não o declarasse abertamente.

A relação de Justiniano e Teodora com as facções

Deve-se ter muito cuidado em relação à confiabilidade da *História Secreta*, especialmente nas referências a Justiniano e Teodora⁷⁰, pois, como já foi mencionado anteriormente, esta obra se destinou a expor as opiniões secretas de Procópio sobre o imperador e a imperatriz⁷¹. Desta forma acaba sendo uma fonte aparentemente confiável por Procópio ser testemunha ocular de muitos fatos narrados, quando porém, deve-se ter como uma fonte tendenciosa⁷², pela presença de opinião⁷³. Percebemos isso claramente na observação de exageros, como, a expressão de que Justiniano e Teodora destruíram “o Império Romano desde seus fundamentos” (HS. IX), a descrição de Justiniano como “Rei dos Demônios”⁷⁴, e afirmação de que isto “é a opinião da maioria das pessoas” (HS. XII)⁷⁵.

⁶⁸ Cf. Procópio, HS, IX.

⁶⁹ Cf. Procópio, HS, X.

⁷⁰ Karl Roth adverte seus leitores sobre a necessária precaução sobre a *História Secreta*: “sua 'História Secreta', difamação sobre o imperador Justiniano e sua esposa Teodora, com picantes anedotas desta, deve ser utilizada com muita precaução.” ROTH, 1930: 138.

⁷¹ Percebe-se claramente isto quando em seu Proêmio, Procópio escreve que “agora que me encaminho a outra tarefa, de certo modo árdua e terrivelmente difícil de superar, a vida de Justiniano e Teodora (...)” Procópio, HS. Proêmio – Pelo Historiador.

⁷² Vasiliev adverte seus leitores sobre esta questão quando usa Procópio como fonte: “Mas estes detalhes (...) devem ser acolhidos com as maiores reservas, porque todos emanam de Procópio, quem, em sua *História Secreta*, se propõe, antes de tudo, a difamar Justiniano e Teodora.” VASILIEV, A. A. *Historia del Imperio Bizantino*. Cap. III.; ^a J. M. Jones afirmou que a *História Secreta* “não merece o respeito que frequentemente lhe é atribuído”, porém, B. Rubin a defende, afirmando que se trata de uma obra de primeira classe dentre as de Procópio, e Z. V. Udal'cova a percebe como uma obra única, pela seu potencial de mostrar o descontentamento das massas no período de Justiniano. Cf. CAMERON, 1985: 49.

⁷³ Gibbon (1952: 893) na nota n. 49 usa a expressão “ciúme e refinamento de Procópio” para descrever a forma que Procópio escreve sobre a “aparente discórdia” entre Justiniano e Teodora, descrita no cap. X da HS.

⁷⁴ No original grego: δαιμόνον ἄρχοντι (transl. daimónon árxonti) - “Príncipe dos demônios” - para ver tal termo no original grego, é possível acessar a obra em grego online: PROCOPIUS, *Historia Arcana*. In: *Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae*. Disponível em: <[http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0490-0575_Procopius_Caesariensis_Historia_Arcana_\(CSHB_Vol_3\)_GR.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0490-0575_Procopius_Caesariensis_Historia_Arcana_(CSHB_Vol_3)_GR.pdf)> Acesso em: 23 Abril 2011. Cf. CAMERON, 1985: 56.

⁷⁵ Deve-se compreender que Procópio fala literalmente que Justiniano era um demônio, Cf. FRASSETTO, 2003: 301; Em parte se explica tal acusação pela “mentalidade cristã bizantina” de aproximação do 'sagrado' ao mundo físico. Cf. Cameron (1985: 56) afirma que primeiramente tentou-se compreender estas passagens como se Procópio não estivesse sendo sério nelas, porém, “não há razão para duvidar de que ele quis que

Justiniano e a facções

A afirmação de que Justiniano tinha preferência pelos Azuis é um fato consensual na história⁷⁶, até porque a parcialidade dos imperadores por uma das duas facções era comum⁷⁷. Porém, seus motivos⁷⁸ para tal preferência e a forma como esta se dava são abertos à análise e ao debate. Na História Secreta, Procópio mostra a parcialidade de Justiniano pelos Azuis de três formas principais: no *incentivo*, na *impunidade* e na *aparência*.

Segundo Procópio, Justiniano chegou a *incentivar* os Azuis em suas atitudes, agindo de forma direta e “alimentando o fogo e incitando abertamente os Azuis à luta, fazendo todo o Império Romano sacudir-se desde seus fundamentos (...) [como se] cada cidade dentro de seus limites tivesse sido tomada pelo inimigo” (HS. VII). Justiniano foi, portanto, o responsável direto por trazer o caos e a barbárie para dentro do Império e da cristandade, pelo *incentivo* que dava aos Azuis.

A *impunidade*, que permitia a violência dos Azuis sobre os Verdes, também é descrita em Procópio. Este afirma que durante o período do Terror Azul, “não houve vilania que o homem nomeie que não fora cometida durante este tempo, e deixada impune” (HS. VII). Esta impunidade era algo extremamente relevante da parte do Imperador em relação à justiça e às leis, já que a figura do *basileus* no Império Bizantino⁷⁹ tinha um caráter extremamente ligado à religião e às leis⁸⁰. Sendo Cristo o *basileus basileon*⁸¹ (Gr.: βασιλευς βασιλεων - “Rei dos Reis”⁸²), o *basileus* era o representante de Cristo na terra⁸³, o Vice-rei de

estas passagens fossem levadas a sério.” - De fato a Suda identificava esta obra (Anedocta) como uma kômôdia (sátira), pela sua proximidade com psogos (invenção). Cf. CAMERON, 1985: 60; BURY, 1958: 25.

⁷⁶ Gibbon diz que a parcialidade de Justiniano (obviamente suspeita em Procópio), “é atestada por Evagrius, John Malala, e especialmente por Antíoco, e Teófanos. GIBBON, 1952: 893. (nota 46). Sobre esta parcialidade, ver: CAMERON, 1985: 75; BURY, 1958: 85.

⁷⁷ A parcialidade dos imperadores era comum mesmo em Roma, como se nota em: GIBBON, 1952: 652.

⁷⁸ Os motivos normalmente apontados são a similaridade ideológica (ortodoxia), ou simples escolha como estratégia política.

⁷⁹ Deve-se notar que o Império Bizantino herdou tanto a religião cristã quanto o sistema político de Roma, porém, a separação entre Igreja e Estado se deu consideravelmente mais na cultura ocidental, enquanto a inexistência desta separação, seguindo a “filosofia do Império Cristão” de Eusébio de Cesareia, se fortaleceu na cultura do Império Oriental. Ver: RUNCIMAN, 1978: 25-27.

⁸⁰ Numa dualidade combinada de funções: função imperial de ordem temporal e função imperial de ordem religiosa; Sendo ambas interligadas, como se percebe no Proêmio das Institutas de Justiniano, iniciando esta obra legislativa com uma referência a Cristo: “EM NOME DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO”. Ver em: TAVEIRA, 2005: 497.

⁸¹ Apocalipse 19:16 - Título cristão conferido a Cristo, a partir da descrição neste versículo.

⁸² Angold (2002) mostra a relação do título basileus com o Rei dos Reis, nos “domínios de Cristo”: Nas: 58-59.

⁸³ Franco Jr. (1985: 20) explica que pela “mentalidade cristã bizantina (...) voltada para a questão (...) da relação direta com Deus, isto é, caracterizava-se por um acentuado sentimento de presença do sagrado entre

Deus⁸⁴, representando Deus perante o povo⁸⁵ e o povo perante Deus⁸⁶, atenuando ainda mais a relevância da *impunidade* e explicando a caracterização de Justiniano por Procópio como um “bárbaro”⁸⁷, por não cumprir seu papel como imperador⁸⁸ cristão⁸⁹.

O caráter de *aparência* do apoio de Justiniano pelos Azuis é provavelmente a forma mais complicada de se analisar em nível de historicidade, pois parece ser a mais carregada de opinião de Procópio sobre a pessoa de Justiniano.

Apesar da *impunidade* mencionada por Procópio parecer verdadeira quando lemos a História Secreta, não se pode ignorar a obra legislativa de Justiniano. Sendo as leis a forma da expressão e efetivação da vontade do imperador⁹⁰, era comum o uso deste instrumento

os homens” que levava à busca da “fusão do material e do espiritual (...) o que refletiu, por exemplo, na concepção de um Estado que era uma organização celeste na Terra.” Neste sentido Angold (2002: 58) usa a expressão: “o servo de Cristo”; “vice-rei de Cristo na Terra” (RICE, 1970: 128); “o vice-regente do Deus cristão na terra” (ANGOLD, 2002: 25). O “protegido de Deus, (...) homem de Deus governando o mundo.” ROTH, 1930, p. 11; “o eleito de Deus, o ungido do Senhor, o representante de Deus sobre a terra, seu lugar-tenente à frente dos exércitos, e, (...) o príncipe igual aos apóstolos.” DIEHL, 1961: 82; De modo nenhum estava no lugar de Cristo, pois este é o autêntico soberano; isto é lembrado pelo mosaico sobre o trono do imperador, tendo a figura de Cristo e a inscrição “Rei em Cristo”. Cf. RICE, 1970: 128.

⁸⁴ Expressão utilizada por Runciman (1977; 1978). Ver: RUNCIMAN, 1977: 54, 66; 1978: 26, 30, 34.

⁸⁵ Quando Cirilo escreve para o Imperador Teodósio, refere-se a este como “Imagem de Deus na terra”. Em: RUNCIMAN, 1978, p. 37. “O imperador é o eleito de Deus, reina pela Providência divina, para aplicar a Sua vontade.” DUCCELLIER, 1994, p. 132; Ducellier (1994: 132) explica que “se o império é o reflexo terrestre do reino de Deus, o imperador deve desempenhar nele o papel de Cristo.”

⁸⁶ Dualidade descrita em: RUNCIMAN, 1978: 27. No seu escrito de conselhos para o Imperador Justiniano, o Papa Agapito I expressa a dualidade do compromisso do imperador: para com seus servos e como servo de Deus: “O rei é soberano sobre todos; mas ele é também, com todos nós, o servo de Deus. Ele vai ser mais especialmente chamado soberano quando for mestre de si mesmo, e não escravo para prazeres impróprios (...)” AGAPETUS, An exposition of heads of advice and counsel. Cap. 68. In: BARKER, Ernest, Social and Political..., 1957: 61. Sobre isto, Cf. Epanagoge, Titulus II, § 5. In: BARKER, 1957: 90.

⁸⁷ “Em sua expressão, em seu vestido e em suas ideias era um bárbaro” (HS. XIV) afirma Procópio sobre Justiniano. Essa comparação pejorativa com o exterior (compreenda-se que neste contexto o externo ao Império é tido como ruim) Procópio também a faz com a imagem dos Azuis: mantendo a barba “como fazem os persas” (HS. VII), que eram pagãos e inimigos do Império, sendo a guerra com estes tida como algo de caráter religioso (ANGOLD, 2002: 48).

⁸⁸ A crítica de Procópio não é contra o sistema autocrata bizantino, mas simplesmente contra a pessoa de Justiniano nesta função. Cf. CAMERON, 1985: 65. O único tratado bizantino de direito público (Cf. DUCCELLIER, 1994: 132), o Epanagoge (tratado jurídico do reinado de Basílio I, destinado a introduzir as Basílicas), declara que “o imperador é a autoridade legítima, o bem comum de todos os súditos – não castiga nem recompensa com parcialidade, mas, como um bom agonoteto, distribui os justos prêmios.” Epanagoge apud DUCCELLIER, 1994: 132; Epanagoge, Titulus II, § I, In: BARKER, 1957, p. 89.

⁸⁹ A figura do imperador é simbolizada pelo termo isapóstolos, que significa “igual aos apóstolos”, no sentido de declará-lo um cristão ao nível dos apóstolos. Cf. DIEHL, 1961: 82; a figura imperial também inclui um “caráter sacerdotal”. Ver: RUNCIMAN, 1977, p. 56; 1978, p. 43; TAVEIRA, 2005, p. 496. Veja este preceito em Epanagoge, Titulus II, § 4.: “O imperador é presumido a reforçar e manter acima de tudo as escrituras divinas, então as doutrinas que são-nos entregue pela Igreja, pelos sete sagrados concílios [geral] e além do mais, em menção a isto, o recebimento das leis romaiças [leis bizantinas compostas por Basílio I e Leão VI].” Cf. BARKER, 1957, p. 90.

⁹⁰ Cf. TAVEIRA, 2005, p. 497-498.

por estes⁹¹. Porém, a obra legislativa de Justiniano é um marco na história do direito, sendo tida como prestadora de “grandes serviços”⁹² para a humanidade⁹³ em termos legislativos⁹⁴. Segundo Procópio, esta obra legislativa seria *aparente*, de forma a ser utilizada, pela sua deturpação, para a perseguição dos Verdes em benefício dos Azuis. Percebemos claramente isto quando Procópio conta sobre Justiniano:

Promulgou uma lei proibindo a sodomia: uma lei não dirigida contra as ofensas cometidas após sua publicação, mas contra aqueles que poderiam haver sido condenados por terem praticado este vício no passado. O curso desta perseguição foi muito ilegal. Houveram sentenças sem acusador; a palavra de uma criança ou de um escravo, obrigado contra sua vontade a testemunhar contra seu dono, foram tidas como provas suficientes. Aqueles que eram condenados foram castrados e logo exibidos em público. De início, esta perseguição se dirigiu apenas contra aqueles que, da facção Verde, eram reputados e especialmente ricos.

A *aparência* como apoio aos Azuis se deu também na figura de Justiniano como “a cabeça visível”⁹⁵ destes; enquanto na verdade (segundo Procópio) Justiniano se interessava em obter lucro, sendo apenas *aparente* esta sua preferência pelos Azuis. É percebida esta opinião pela afirmação de que “Justiniano não velou pelos Azuis, que tanto o apoiavam,

⁹¹ Cf. TAVEIRA, 2005, p. 498. As leis tinham uma validade tão forte que, mesmo o imperador sendo o legislador, “ele deve observar as leis existentes, devidas a imperadores que eram igualmente inspirados por Deus.” DUCCELLIER, 1994, p. 133. Cf. Epanagoge, Titulus II, § 9 e 10. In: BARLER, 1957, p. 91. Roth (1930: p. 13) discorda desta opinião, afirmando que “o poder do imperador é ilimitado e em teoria suas disposições e decisões não estão submetidas às leis vigentes.” Deve-se entender que esta percepção de Roth se dá pela exposição na perspectiva do imperador como autocrata em absoluto, a partir de Justiniano (ROTH, 1930, p. 14), ou mais precisamente, após o momento da Revolta de Nika (ROTH, 1930, p. 32); Bury (1958: p. 27) afirma que “ele afirmou o absolutismo autocrata a um nível que nenhum outro imperador alcançou.” Outros historiadores apontam para a contínua presença de um absolutismo autocrático no Império Bizantino: Mommsen define o sistema do Império Bizantino como uma “autocracia temperada pela revolução e assassinato” MOMMSEN apud DIEHL, 1961, p. 83; Diehl (1961, p. 82) afirma que “poucos soberanos no mundo foram mais poderosos que o imperador de Bizâncio. Poucos estados, mesmo na Idade Média, tiveram concepção mais absoluta da autoridade monárquica.”; “O império era uma autocracia absoluta.” RUNCIMAN, 1977, p. 52. Para a ‘autocracia bizantina’, veja: TAVEIRA, 2005, p. 496; CAMERON, 2006, p. 26; SARRIS, 2006, p. 7; BURY, 1958, Cap. I.1. p. 5-18.

⁹² Expressão utilizada em: VASILIEV, cap. III.

⁹³ “Sua obra proporcionou uma unidade cultural da qual as diferentes civilizações medievais extraíram grande parte de seu capital cultural.” ANGOLD, 2002, p. 44.

⁹⁴ “A vontade de Justiniano cumpriu uma das obras [legislativas] mais fecundas para o progresso da humanidade” escreve Diehl. Cf. DIEHL, Justinien et la civilisation byzantine an VI siècle, Paris, 1901. p. 248, apud VASILIEV, cap. III. (La obra legislativa de Justiniano); porém, deve-se ter a consciência da significação prática da obra de Justiniano, que gerou reformas que possuem antes o caráter de reorganização que propriamente o de modificação.

⁹⁵ Expressão usada em: HS, VII, p. 12.

quando havia dinheiro em jogo” (HS. XXIX), mas fingia apoiar eles, junto com sua esposa, Teodora⁹⁶.

Teodora e as facções

O aparente paradoxo de Teodora apoiar os Azuis mesmo sendo monofisita⁹⁷, é utilizado como argumento⁹⁸ para mostrar a possível separação da questão religiosa em relação às cores⁹⁹. Na *História Secreta* temos informações que podem ser a explicação do porque da preferência de Teodora por esta facção, que nada teria a ver com a questão religiosa, e nem mesmo ideológica.

Procópio (HS. IX) conta alguns relatos da vida de Teodora: Acacio, guarda dos animais selvagens utilizados no anfiteatro em Constantinopla e pertencente à facção Verde, morreu no reinado de Anastácio deixando três filhas, dentre as quais Teodora. O novo marido da viúva de Acacio foi impedido de assumir o cargo daquele, que Austerio (“mestre de dança” dos Verdes) deu a outro homem. Quando a mãe de Teodora foi para o anfiteatro, colocou a si e suas filhas como suplicantes; os Verdes as ignoraram, porém os Azuis deram-lhes o mesmo ofício (de Acacio), já que o guarda de seus animais havia morrido.

Esta ajuda por parte dos Azuis pode [e deve] ter sido um dos motivos para Teodora simpatizar com estes e defendê-los. Apesar disto, Procópio aponta para um plano que Teodora teria com Justiniano: de fingir “apoiar os Azuis com todo seu poder, animando-os a tomar ofensivas contra a facção contrária e levar a cabo os feitos de violência mais indignantes” (HS. X), enquanto Justiniano “fingindo estar desgostoso e secretamente ciumento dela, também fingia que não podia se opor abertamente às suas ordens [de Teodora]” (HS. X). Este fingimento de Teodora e Justiniano, segundo Procópio (HS. X), teria como objetivo que seus súditos não pudessem rebelarem-se contra ambos de forma

⁹⁶ Gibbon cita Teodora como um dos motivos da parcialidade de Justiniano: “(...) a balança da justiça estava inclinada a favor da facção azul, pela afeição secreta, hábitos, e temores do imperador; sua equidade, após uma aparente resistência, se submeteu sem relutância às implacáveis paixões de Teodora (...)” GIBBON, 1952, p. 653.

⁹⁷ Acredita-se que Teodora tinha preferências pelo monofisismo, ao contrário de Justiniano, que era ortodoxo (VASILIEV), que [acredita-se que] era a preferência religiosa dos Azuis (GIBBON, 1952, p.653).

⁹⁸ Jarry (1960), aponta para esta questão como um ponto complicado para a teoria de Manojlović (JARRY, 1960: p. 349), que diz ter cometido um “erro grosseiro”; mas os historiadores que apoiam a teoria de Manojlović (Manojlović, Burry e Grégoire), admitem que casos particulares que aparentemente contrariam sua teoria (como o de Teodora), existiram.

⁹⁹ Como em JARRY, 1960, p. 349.

unânime, dividindo estes em opinião.

Apesar de só ser possível especulações sobre as causas da preferência de Teodora pelos Azuis, uma coisa é inquestionável: ela realmente se posicionou protegendo esta facção. Procópio relata que, Calínico, governador da Cilícia no qual condenou à morte dois homens da facção azul por matarem seu criado que o defendera destes, foi crucificado por Teodora¹⁰⁰ na tumba dos dois assassinos, apenas por tê-los condenado, sendo que, segundo Procópio, Teodora só o fez “para mostrar sua preferência pelos Azuis” (HS. XVII).

Considerações finais

Apesar de Procópio ser um historiador do próprio período que descreve (tendo testemunhado muito do que relata) e demonstrar ter a consciência do comprometimento com a verdade em relação a escrita histórica¹⁰¹, não percebe esta como tendo necessidade de ser escrita de modo imparcial e objetivo, tomando sua própria percepção de Justiniano e Teodora como fundamento para escrever a *História Secreta*.

Os relatos e explicações na *História Secreta* acabam se mostrando muitas vezes exagerados e improváveis, já que muitas vezes o propósito é atingir a imagem de Justiniano de alguma forma. É justamente sob esta perspectiva que devemos analisar alguns relatos de Procópio, para que não venhamos a cair em erro.

Mesmo tendo todas estas debilidades e problemáticas, a *História Secreta* é um texto que não pode ser ignorado na análise dos Verdes e Azuis em Constantinopla, especialmente pela descrição detalhada que faz do momento do Terror Azul, sendo a principal fonte deste caso que é importantíssimo na história das facções e mesmo do Império Bizantino, em termos sociais. Demonstra em inúmeros exemplos as consequências do contexto da época do pertencimento de uma pessoa a uma das facções, e assim contribui com informações importantíssimas para a análise da significação deste pertencimento e para a própria compreensão destas facções.

A relação dos imperadores com as facções é um tema que a *História Secreta* revela

¹⁰⁰ Gibbon (1952, p. 653) conta este acontecimento e o confirma na nota 48 (p. 893) pelo relato de Evagrius (Escolástico) deste fato.

¹⁰¹ Consciência expressa no temor de ter a “reputação de um mitógrafo e ser incluído entre os poetas trágicos” (HS, Prêmio). De fato, apesar da presença de elementos opinativos e improváveis, deve-se compreender que a *História Secreta* não se resume a isto, pois, “é uma mistura de material de diferentes níveis literários.” CAMERON, 1985, p. 66.

muitas informações, porém, deve-se ter as devidas ressalvas. Em seu relato, Procópio acaba muitas vezes passando informações sobre as facções que são de pouco caráter investigativo, sendo coisas que ele ouviu¹⁰², e não que presenciou ou descobriu por investigação. Cabe justamente a quem investiga sobre estes assuntos, buscar em outras fontes¹⁰³ e verificar-se pela compreensão do contexto, para que se defina o que pode-se apreender de conteúdo e conhecimento desta obra, e o que é mera opinião, transmitida ilusoriamente como informação válida.

Apesar da História Secreta ser uma obra de caráter fortemente opinativo, não deixa de ser válida como fonte; nela as facções não são limitadas à definições e enquadramentos, mas são mostradas como mecanismos que, pelo menos naquele momento, não foram uma forma de externar uma posição, mas verdadeiramente novas formas de pertencimento em um contexto de extrema desordem social, contrariando muitas perspectivas já construídas sobre os Verdes e Azuis.

¹⁰² “E dizem que (...)”; “Se disse que (...)”, VII. são as formas que Procópio mostra sua referência ao que ouviu.

¹⁰³ Exemplos de outras fontes são: os historiadores Evagrius Escolástico e João Malalas, além de obras como o Diálogo de Justiniano com os Verdes. Este diálogo se encontra em: CAMERON, 1999, p. 319 a 322 (Apêndice C); BURY, 1958, p. 71-74 (APPENDIX – *A scene in the hippodrome*).

Bibliografia

AGAPETUS (1957). "An exposition of heads of advice and counsel". In: BARKER, Ernest. *Social and Political Thought in Byzantium: from Justinian I to the last Palaeologus: Passages from Byzantine writers and documents*. Oxford: Clarendon Press.

ANGOLD, Michael (2002). *Bizâncio: a ponta da antiguidade para a Idade Média*. Rio de Janeiro: Imago.

BARKER, Ernest (1957). Epanagoge. In: *Social and Political Thought in Byzantium: from Justinian I to the last Palaeologus: Passages from Byzantine writers and documents*. Oxford: Clarendon Press.

BURY, J. B. (1958). *History of the Later Roman Empire: from the death of Teodosius I to the death of Justinian*. Vol. 2. Mineola: Dover Publications.

CAMERON, Alan (1999). *Circus Factions: Blues and Greens at Rome and Byzantium*. Oxford: Clarendon Press.

CAMERON, Averil (1985). *Procopius and the sixth century*. Berkeley: University of California Press.

CAMERON, Averil (2006). *The Byzantines*. Singapore: Blackwell Publishing.

DIEHL, Charles (1961). *Os Grandes Problemas da História Bizantina*. São Paulo: Editora das Américas.

DUCELLIER, Alain et al. (1994). *A Idade Média no Oriente: Bizâncio e o Islão: dos Bárbaros aos Otomanos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

EVANS, James Allan Stewart (2005). *The Emperor Justinian and the Byzantine Empire*. Westport: Greenwood Press.

FRASSETTO, Michael (2003). *Encyclopedia of Barbarian Europe: society in transformation*. Santa Barbara: ABC-Clio.

GIBBON, Edward (1952). *Decline and Fall of The Roman Empire*. Vol. I. Enciclopaedia Britannica Inc.

- GORDON, C. D. (1959). Procopius and Justinian's Financial Policies, *Phoenix*, 13, 1, 23-30.
- GRÉGOIRE, Henri (1946). Le peuple de Constantinople ou les Bleus et les Verts, *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belle-Lettres*, 90, 4, 568-578.
- JARRY, Jacques (1960). Hérésies et factions à Constantinople du Ve au VIIe siècle, *Syria*, 37, 3-4, 348-371.
- JIMÉNEZ SÁNCHEZ, Juan Antonio (2004). Símbolos del poder en el hipódromo de Constantinopla, *POLIS: Revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad Clásica*, 16, 109-132.
- PLÍNIO, *Natural History*. XXXVI. 102. Acesso em 16 de Agosto de 2011. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Pliny_the_Elder/36*.html#102.
- PROCOPIUS. Historia Arcana. In: *Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae*. Acesso em: 23 Abril 2011. Disponível em: <[http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0490-0575_Procopius_Caesariensis_Historia_Arcana_\(CSHB_Vol_3\)_GR.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0490-0575_Procopius_Caesariensis_Historia_Arcana_(CSHB_Vol_3)_GR.pdf)>
- PROCOPIUS. *The Secret History*. Translation: Richard Atwater. Reprinted, Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1961. Acesso em: 16 de Agosto de 2011. Disponível em: <http://www.fordham.edu/halsall/basis/procop-anecc.asp>.
- RICE, David Talbot (1970). *Os Bizantinos*. Lisboa: Editorial Verbo.
- ROTH, Karl (1930). *Cultura del Imperio Bizantino* Barcelona: Editorial Labor.
- RUNCIMAN, Steven (1977). *A Civilização Bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- RUNCIMAN, Steven (1978). *A Teocracia Bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- SARRIS, Peter (2006). *Economy and Society in the Age of Justinian*. Cambridge University Press.
- SCOTT, Roger D. (1985). Malalas, The Secret History, and Justinian's Propaganda, *Dumbarton Oaks Papers*, 39, 99-109.
- TAVEIRA, Celso (2003). Espaço Tempo e Ideologia: Reflexões sobre o modelo político da autocracia bizantina e seu significado histórico. In *V Encontro Internacional de Estudos Medievais* Salvador: UFBA, 495–500.

VASILIEV, Alexander A. *Historia del Imperio Bizantino*. Tomo I.